

O ENSINO DA ARTE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM CURSOS TÉCNICOS

Cristiane Herres Terraza

IFB

crisherres@gmail.com

RESUMO

A experiência a ser relatada trata da integração entre a prática do desenho normalizado e a apreciação artística em Artes Visuais efetuada no componente “Desenho Técnico e Arquitetônico” do curso Técnico em Edificações do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília. Tal apreciação objetiva a apreensão do conceito de representação na arte e do reconhecimento da aplicação desse conceito nas criações da arquitetura e do desenho urbano. Essa iniciativa pretende ampliar a formação do aluno, proporcionando o incremento de seu repertório visual, incentivando a prática da fruição sensível e estética das criações que compõem o espaço urbano, relacionando-as à inventividade e à técnica peculiar a determinada época e à expressão de uma sociedade. Com isso, visa-se possibilitar o incremento da fruição e da capacidade de crítica, elemento fundamental à concepção de novos modos de pensar o espaço coletivo. Essa experiência se mostra inovadora, uma vez que não consta nos currículos de cursos semelhantes existentes no país. Devido a isso, vem encontrando resistência por parte do corpo gestor do Instituto Federal, sendo, porém, muito bem aceito e reconhecido pelos alunos envolvidos.

PALAVRAS-CHAVE: ensino da arte, currículo, educação tecnológica.

O ENSINO DA ARTE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM CURSOS TÉCNICOS

1. INTRODUÇÃO

O componente “Desenho Técnico e Arquitetônico” têm sido tradicionalmente ministrado no primeiro módulo dos cursos técnicos do eixo de infraestrutura, visando iniciar o aluno na linguagem técnica de comunicação de projetos entre profissionais técnicos. Se bastasse a apresentação do desenho normalizado para o desenvolvimento dessa habilidade, o componente se resumiria à leitura e interpretação desse código. Entretanto, evidenciam-se grandes defasagens no campo da linguagem, bem como na capacidade de fruição de objetos representativos da cultura e da criação estética no que diz respeito ao pensamento e às preocupações e técnicas que compõem uma época no campo da arquitetura.

Assim a apresentação estrita de um novo código instrumenta a prática técnica, mas não amplia a formação do aluno, muito menos cria a capacidade de crítica e expressão. O objetivo desta experiência no curso de formação de Técnico em Edificações é apreender o espaço construtivo urbano como uma elaboração e criação ética e estética, que representa, mas também orienta as ações e valores de uma determinada sociedade. Os alunos são jovens e adultos de idades diversas, uma vez que o curso é subsequente ao Ensino Médio. Alguns já estão no mercado de trabalho atuando na área do curso, mas muitos almejam esta formação para uma atuação que os realize não só em termos de colocação econômica e social, mas também que os realize profissionalmente.

No que se refere à construção do espaço urbano, a fruição estética não consiste somente em termos de recepção. A cidade oferece um modo de vida, de ação do cotidiano e as criações que o compõem operam sobre o estado do indivíduo nas suas cotidianidades. O espaço urbano é conformado sobre determinados valores que atingem o indivíduo de modo a influenciar seu modo de se relacionar com a sociedade, bem como sobre seus hábitos pessoais. Trata-se, portanto, não de uma recepção, mas de uma estética de relação do indivíduo com o espaço.

A percepção desse processo, porém, está pouco clara ou em grande parte das vezes o indivíduo não percebe a relação entre seus humores ou ações e a criação urbana, e se percebe não problematiza nem sistematiza esta percepção.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Desde o século XIX, com o inchaço das cidades e o pensamento sobre as condições do proletariado, bem como sobre o funcionamento eficaz do espaço urbano, que são consideradas as proposições estéticas engendradas nesse espaço como parte integrante da condição de vida social e de desenvolvimento do indivíduo.

As iniciativas propostas no início do século XX por movimentos artísticos como o Construtivismo, o Neoplasticismo e pelas escolas de Bauhaus e Ulm, bem como do

empreendimento do planejamento e, posteriormente do desenho urbano, exemplificam as preocupações sobre uma criação estética que libertasse, de certa maneira, o indivíduo cidadão da opressão da cidade e que criasse uma condição de existência que fugisse da forma precária.

Artistas e arquitetos como Charles-Edouard Jeanneret, mais conhecido como Le Corbusier, Piet Mondrian, Theo Van Doesburg, Walter Gropius e Gerrit Rietveld, empreendiam criações que remetessem à racionalidade, mas também a um espírito de paz e harmonia, realizadas por meio da abstração geométrica, traduzida no lema da proposição *De Stijl*: “O objeto da natureza é o homem, o objeto do homem é o estilo”.

Assim, a questão estética se torna fundamental a um espaço acolhedor, mas que represente às questões contemporâneas em termos científicos, sociológicos e econômicos. Esse modo de abordagem do espaço urbano remete ao conceito de representação na arte, considerando o que expõe Francastel (1990, passim):

O ser humano é também representado em sua atuação no espaço social pela criação de objetos, técnicas, habilidades, saberes e que, por determinada intencionalidade, se concretiza na criação de um objeto artístico particular, peculiar à sua época e ao pensamento desenvolvido nesta coletividade.

A fruição proposição de uma criação artística que se conforma, nas várias temporalidades, como processo de entendimento do mundo, engendra uma reflexão que se estende sobre o ser em si. Isso considerado acredita-se que o espectador, ao vivenciar a experiência artística, mesmo aquela iniciada pela apreciação da estética de criação do espaço urbano e suas construções, lança sobre a realidade um olhar transformado e, possivelmente, transformador.

A experiência pedagógica empreende a possibilidade de comparação do espaço urbano vivenciado cotidianamente pelos alunos e as criações propostas ao longo do tempo por artistas e arquitetos de diferentes intencionalidades e criações estéticas. Os artistas convocados a compor este corpo de apreciação, por muitas vezes são aqueles que acreditam numa proposição estética contextualizada, que atue sobre os indivíduos que com ela convivam, gerando significâncias potencialmente transformadoras de olhares e de ações.



Imagem 1 - Hundertwasser, Friedensreich. Rogner bad Blumau Hotel, Austria, 1997.

Fonte: <http://blackeiffel.blogspot.com.br/2010/08/rogner-bad-blumau-hotel.html>

3. METODOLOGIA

A construção metodológica obedeceu às necessidades evidenciadas a partir de atividades diagnósticas realizadas no início da disciplina, ainda na implantação do curso de Técnico em Edificações, no 1º semestre de 2011.

Os professores inicialmente responsáveis pelo componente curricular, com formação em arquitetura, perceberam nos estudantes uma lacuna de formação que se referia à apreciação, à compreensão e à fruição estética, que, por conseguinte, inviabilizava uma construção de conceito de representação na arte. Este conceito se faz essencial ao se pensar a arquitetura como invenção que reverbera não só as necessidades de uma determinada época e sociedade, mas também os valores estéticos, bem como os modos de vida peculiares aos grupos sociais, visando o bem comum.

Portanto, busca-se com essa proposição de integração atender aos princípios de formação integral do discente preconizada pelos parâmetros que instituem e regulamentam o recente ensino técnico no Brasil. Esta experiência norteou-se também por duas exigências específicas do curso: 1) a certificação prevista para o Módulo 2 do curso em “Desenhista Projetista Da Construção Civil”; e 2) a possibilidade do egresso do curso de projetar e executar edificação de até dois pavimentos com no máximo 80m².

A proposta de integração da aprendizagem do código de desenho normalizado com a experiência de fruição e contextualização artística visa despertar/sensibilizar os alunos para o que se conceitua como representação na arte e como esse conceito se expande para a criação urbana e arquitetônica. Assim, objetiva:

- Compreender e utilizar as representações gráficas para o desenho de projetos, de acordo com as convenções da norma brasileira;

- Conhecer o conceito de representação na arte, relacionando objetos artísticos de épocas distintas a determinados valores e conhecimentos das sociedades;
- Inferir sobre as elaborações artísticas, principalmente aquelas relacionadas ao espaço urbano e à arquitetura, significando as especificidades de cada obra/movimento estético.
- Construir argumentos a fim de abordar os sentidos criados na apreciação das obras, inserindo os objetos em um determinado contexto sócio histórico.

É interessante ressaltar que o estabelecimento de ensino em que se realiza essa proposição pedagógica dista em 26 quilômetros do Plano Piloto de Brasília e que muitos alunos, mesmo o conhecendo e lá trabalhando não empreendem reflexão sobre essa proposição urbanística, desconhecendo em muito seus monumentos e as obras de arte que compõem esse espaço. Assim, Athos Bulcão, Marianne Peretti, Alfredo Ceschiatti são completos desconhecidos desse público e as obras de Oscar Niemeyer, não raro, nunca foram apreciadas em suas formas e nas técnicas de engenharias utilizadas.



Imagem 2 - Niemeyer, Oscar e Marx, Burle. Quartel General do Exército, Brasília, c. 1960. (fotografia de Brito Júnior)

Fonte: <http://olhares.uol.com.br/quartel-general-do-exercito-em-brasilia-foto4298868.html>

Essa experiência vem sendo realizada há dois anos no IFB – Campus Samambaia, e a cada dia enfrenta objeções de consultores a área técnica por se apresentar como experiência ímpar e incomum à formação do técnico em edificações, considerando ainda, o Catálogo Nacional de Cursos Técnicos, documento publicado pelo MEC.

Porém, insiste-se na manutenção da proposição de integração, entendendo que esta atende aos princípios da Educação de Jovens e Adultos, público alvo, naquilo que é explicitado no documento base do PROEJA, também de autoria do MEC, conforme citado a seguir:

Para que um programa possa se desenhar de acordo com marcos referenciais do que se entende como política educacional de direito, um aspecto básico norteador é o rompimento com a dualidade estrutural cultura geral versus cultura técnica, situação que viabiliza a oferta de uma educação academicista para os filhos das classes

favorecidas socioeconomicamente e uma educação instrumental voltada para o trabalho para os filhos da classe trabalhadora, o que se tem chamado de uma educação pobre para os pobres. A concepção de uma política, cujo objetivo da formação está fundamentado na integração de trabalho, ciência, técnica, tecnologia, humanismo e cultura geral, pode contribuir para o enriquecimento científico, cultural, político e profissional das populações, pela indissociabilidade dessas dimensões no mundo real. Ademais, essas dimensões estão estreitamente vinculadas às condições necessárias ao efetivo exercício da cidadania. (MEC, PROEJA – documento base, 2007, p. 35).

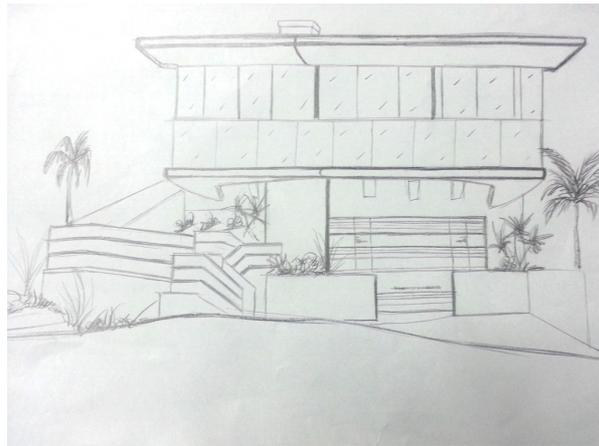
A operacionalização da experiência pedagógica se realiza em torno de 24 h/a por semestre letivo e compreende tanto aulas teóricas, como visitas técnicas, seminários e produção visual pelos alunos.

A primeira parte da experiência, que possui cerca de 08 h/a, consiste na abordagem do conceito de representação, efetuada em aula expositiva em conjunto com a reflexão e discussão por parte dos alunos. Neste momento, são realizadas dinâmicas que possam auxiliar no entendimento do conceito de representação. Nessas dinâmicas, são utilizados tanto imagens da mídia atual, como também obras de arte de diversas épocas a partir das quais os alunos deverão construir significâncias, considerando apenas sua vivência pessoal. Somente após a verbalização das impressões causadas pelas obras é que são efetuadas as contextualizações históricas e sociológicas sobre os objetos artísticos. Desse modo, efetiva-se uma comparação entre aquilo que foi fruído pelos alunos e o aporte teórico a que é submetida à obra.

Com raras exceções, muitos pontos convergentes são levantados entre as construções dos alunos e que se apresenta derivado dos estudos da teoria e crítica da arte.

É nessa primeira parte também que os alunos assistem a algum vídeo referente à criação arquitetônica de algum período ou movimento artístico como o Barroco, por exemplo. Para o entendimento da estética são explicitadas as intencionalidades criadoras da estética, bem como a contextualização histórica e sociológica. Por parte dos alunos e integrado com professores da área técnica – neste caso, um engenheiro civil – possibilita-se à análise da tecnológica construtiva implicada na criação estética.

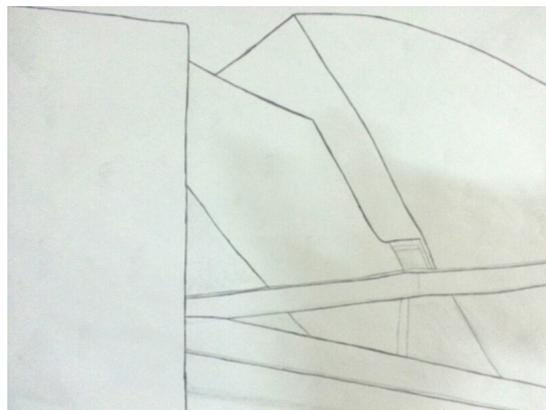
Como prosseguimento desta primeira parte, os alunos desenvolvem seminários organizados com o objetivo de fruição de obras de arte trazidas por eles, bem como de algum objeto significativo e de sua significância para estes. Numa experiência recente, os alunos desenharam suas casas – tanto aquelas que já existem, como aquelas que se consistem em sonhos ainda.



**Imagem 3 - Casa dos sonhos, abril/2013.
Fonte: acervo próprio.**

Dando continuidade à experiência pedagógica, na segunda parte realiza-se uma visita de campo em três momentos, totalizando 5 a 6 h/a. De início, visita-se um dos monumentos criados por Oscar Niemeyer que esteja localizado no eixo monumental de Brasília. Este pode ser a Praça dos Três Poderes, Museu e a Biblioteca Nacionais, o Palácio dos Arcos, conhecido como Itamaraty ou ainda o Quartel General do Exército, cuja Praça dos Cristais tem planejamento de Burle Marx. E seguida, promove-se uma vista geral do complexo arquitetônico da cidade, expondo sobre a intencionalidade criadora, as escalas urbanas que compõem o Plano Piloto, bem como a observação de proporções e unidade, que resultam em sensações particulares expostas pelos alunos. Finalmente, visita-se à SQS 308, quadra modelo, cujo planejamento resulta da ideia de unidade vizinhança. Lá são observadas também as proporções e as criações estéticas estruturantes do espaço, incluindo a Igrejinha N. Sra. de Fátima, que possui painéis de azulejos de Athos Bulcão e pintura interior de Francisco Galeno.

Durante todo o percurso, os alunos desenham a mão livre, sejam vistas ou detalhes, estruturando o olhar, registrando sensações e descobertas.

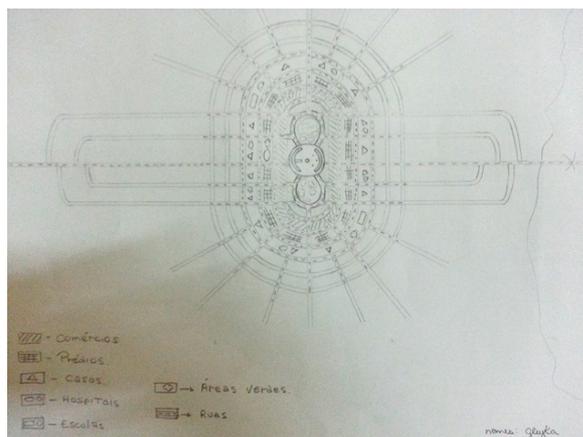


**Imagem 4 - Registro de visita técnica. Panteão da Liberdade/Praça dos Três Poderes/Brasília (detalhe), abril/2013.
Fonte: acervo próprio.**

Em um segundo momento, dentro desta segunda parte, cuja duração é de 3 h/a, os alunos compartilham seus registros, expondo as surpresas, as conclusões, as sensações e os estudos sobre a estratégia construtiva, bem como sobre a relação das criações artísticas disponíveis às vistas dos transeuntes. Os desenhos de todos são analisados e, mesmo aqueles com muita dificuldade de registro, se sentem confortáveis em expor suas ideias, pois o importante neste momento é aquilo que se apreendeu e elaborou com a vivência do espaço. Importante ressaltar que a arquitetura é uma criação que não motiva somente o olhar, mas estabelece relação com o corpo, numa sinestesia do campo sensorio, pois sons, luzes, texturas e odores se misturam às sensações de dimensão, proporção e comparação de escalas.

No terceiro e último momento, de duração total, entre presencial e não presencial, somam-se cerca de 12h/a. Nesta etapa, os alunos conhecerão outros modos de planejamento urbano e de edificações de funções variadas que usam de inventividade para traduzir valores coletivos e sensações individuais. Assim, de Bernini a Ando, passando por Gaudi, Frank Lloyd Wright e muitos outros, dispõe-se sobre o engenho arquitetônico que encontra lugar e legitimidade dentro do estudo da arte. Várias dinâmicas, recursos e estratégias são utilizados neste momento, pois nunca pode se repetir de um semestre para outro, visto que existem alunos retidos e que fazem a disciplina mais de uma vez.

A produção em grupo nesta parte da experiência é de criação de projeto (de condomínio, quarteirão, quadra residencial), cujas edificações devem servir à comunidade que ali se instalar. Tudo deve seguir a uma estética escolhida pelo grupo e são necessários desenhos de fachadas e especificações. Assim, integra-se o estudo do desenho normalizado à criação estética e seus desdobramentos relacionais, contextuais e sociológicos, pois a criação segue o pensamento de Francastel já citado acima a representação do ser humano em seus valores, saberes, técnicas e possibilidades.



**Imagem 5 - Projeto de quarteirão. Desenho de Gleyca, Cristiano, Elizabete e Carlos, maio/2012.
Fonte: acervo próprio.**

O coroamento dessa parte da experiência de integração se dá no compartilhamento das criações com os colegas de sala e, posteriormente, com uma exposição no Campus. É interessante observar que, nos projetos criados nessa etapa, é garantida a vivência da arte

disponível à população que habitaria os locais planejados, pois os alunos, não raro, nomeiam artistas em seus trabalhos que deveriam ser convidados a completar o projeto, caso este fosse realizado. Eles sonham com escolas e hospitais, centros culturais e praças de convivência em que vitrais, painéis, esculturas e pinturas como as de Marianne Peretti, Athos Bulcão e Bruno Giorgi estejam presentes. Ainda mais, sonham com praças e espaços de convivência organizados por paisagistas influenciados por Burle Marx.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelos depoimentos e planejamentos avalia-se o quanto se toma consciência da importância de edificações preocupadas com o caráter estético e que traduzem valores sociais e individuais. Ressalta-se, também, a criticidade sobre a ocupação urbana que deverá ser conduzida para o bem comum e a ação política da coletividade para destinação de espaços públicos ao esporte, à cultura, à arte e ao lazer salutar e construtivo.



**Imagem 6 - Alunos em aula de campo, Praça dos Três Poderes/Brasília, março/2012.
Fonte: acervo próprio.**

Entende-se, portanto, que o ensino da arte nesse contexto, em integração com o aprendizado técnico, se firma como possibilidade de construção crítica. Essa construção se realiza no estabelecimento de relação entre valores éticos e políticos e valores estéticos, empreendida na aproximação aos objetos artísticos e consequentes reflexões sócio históricas, antropológicas e filosóficas.

Na continuidade desse trabalho, em semestre posterior, o componente curricular projeto arquitetônico compõe o plano de curso. A experiência descrita também tem se mostrado de grande suporte às criações desenvolvidas durante esse próximo componente.

Uma desejada consequência da proposição de integração é a criação de atividades de extensão que possam oferecer circuitos de visitação por Brasília em que se privilegie assuntos de interesse para a formação de técnico em edificações e outros técnicos (técnico em móveis), como por exemplo, o já conhecido circuito Athos Bulcão ou o de mobiliário brasileiro como de Oscar Niemeyer, Zanine Caldas e Sérgio Rodrigues.

Esta experiência tem se mostrado produtiva no sentido de envolver o aluno em um contexto amplo e complexo de transformações, inclusive artísticas, científicas e tecnológicas, inserido na sua relação também com o mundo do trabalho, mas provido de certa erudição que possa auxiliá-lo na continuidade de seu empreendimento com o conhecimento, bem como no seu estado de ser na sociedade.

5. REFERÊNCIAS

1. FRANCASTEL. *Pintura e Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
2. PROEJA – Documento Base. Brasília: MEC, 2007.